

# Reflexões sobre identidade e autonomia de professores formados e em formação

Prof.<sup>a</sup> Ms. Lucimar Araujo Braga (UEPG)<sup>i</sup>

## **Resumo:**

Compreendendo que somos produto da linguagem e esta é necessariamente conflituosa porque quem a utiliza são os seres humanos, propomos como objetivo, neste artigo, promover uma reflexão sobre identidade e autonomia dos sujeitos formados e em formação e os pressupostos dispersos, no ambiente escolar, local em que o professor é visto como agente de transformação. A possibilidade de assunção de identidades entre os seres humanos é o que tem garantido a sobrevivência do homem, já que é preciso se agrupar para resistir ao meio. E a convivência social coletiva requer compreensões amplas sobre os mais diversos entendimentos, portanto, o convívio com o outro está marcado pelas identidades e as diferenças arraigadas em nossas vidas. Para vislumbrarmos como se efetiva, na sociedade, a questão da identidade dos sujeitos e, no caso dos professores, como esse processo congrega para a autonomia de ação na sala de aula, utilizamo-nos de uma reflexão pragmática em que a questão da linguagem não é vista apenas como uma teoria sistêmica estrutural e, sim, como uma perspectiva de análise da linguagem que procura discutir o funcionamento desta, em contextos de educação formal. Metodologicamente, propomos uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. Nossos dados foram levantados a partir de revisão teórica e discussões em grupos de estudo. Concluímos parcialmente que algumas questões de identidades e de autonomia podem ser mais discutidas tanto com professores formados como com os professores em formação, pois procuramos entender, como as nossas crenças podem convergir em discussões que aportem subsídios que nos proporcionem uma melhor compreensão de nossas práticas sociais (neste caso, a linguagem).

**Palavras-chave:** autonomia, identidade, professores.

## **1 Introdução**

Para este artigo, propomos como objetivo a realização de estudos teóricos e práticos que possam dar visibilidade às crenças individuais e coletivas comuns aos seres humanos. Além disso, apresentamos resultados de discussões realizadas em grupo de estudo em que postulamos algumas estratégias e processos utilizados por professores de língua para despertar, nos alunos, questões relacionadas à autonomia e sobre sua identidade de professor.

Metodologicamente, nesse recorte, a nossa proposta é de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. Nossos dados foram levantados a partir de revisão teórica e de discussões realizadas em um grupo de estudo. As reuniões acontecem nas dependências do Laboratório de Estudos do Texto (LET), semanalmente, na Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.

O que observamos, nessa jornada, é que, na profissão do professor, existem realidades, as mais adversas possíveis, que nem sempre favorecem a promoção do comprometimento do professor para com sua profissão. As salas de aula excessivamente lotadas e o desrespeito para com o outro que parece ser um mal em todos os níveis sociais são fatores que, cada vez mais, têm afastado as pessoas de escolherem serem professores.

Como cita Miccole (2010, p. 33), “os professores passam anos preparando crianças e jovens para fazerem parte da vida em sociedade.” A sociedade exige conhecimento formal, conseguido na escola para incluir os indivíduos em seus meios. Percebemos que nem sempre, nós professores, estamos preparados para desafios tão grandes como o de trabalhar com a cognição e as relações do ser humano a ponto de auxiliá-lo a se moldar em um cidadão agente e transformador. Nesse sentido, Miccole (2010), mais uma vez, esclarece:

[...] poucos professores se veem como condutores do processo de evolução da humanidade, como profissionais que devem ter uma visão da sociedade que querem vivenciar para poder conduzir estudantes a se verem como aqueles constituintes, condutores e construtores da sociedade no futuro. Os professores que ficam presos ao papel de transmissores do conhecimento – à matéria que precisam ensinar ou passar para seus alunos, se esquecem de que a matéria é pretexto. O texto é aquilo que será escrito pelo aprendiz. O que será feito com aquilo que é aprendido (o conhecimento) é mais importante que a matéria (a informação). (MICCOLE, 2010, p. 33).

Para a autora e concordamos neste ponto, a escola é lugar profícuo para alunos e professor juntos construir novos sentidos, proporem novas interpretações, ou seja, tomar o conhecimento de como a linguagem é capaz de atribuir significados diversos para os eventos diversos na vida dessas pessoas.

Assim, consideramos que a sala de aula é local profícuo para desvelar os sentidos atribuídos à linguagem no processo de ensino e aprendizagem. Compreendemos que professores em consonância com os aprendizes se esmeram para dar conta das competências e habilidades a eles designadas implicitamente, pelos programas das escolas e pelos documentos oficiais da área da educação.

Dessa forma, os professores e alunos são os responsáveis por planejarem e porem em prática técnicas didático-pedagógicas que proporcionem reflexões sobre o desenvolvimento de habilidades e competências sociais, históricas e científicas, em educação, para o desenvolvimento cognitivo.

Para alcançar tais fins, os professores formados e em formação utilizam-se de material de apoio, entre os quais estão os livros didáticos, a metodologia pedagógica, o programa educacional, o currículo, o planejamento diário e os documentos oficiais orientadores para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. Mas também “a competência profissional é desenvolvida quando um professor conhece sua importância social como profissional do ensino de línguas e quando está engajado em atividades de atualização de forma permanente.” (GARBUIO, 2010, p. 87).

## **2 Identidade e autonomia do professor formado e em formação**

As atividades desenvolvidas por professores formados e em formação se relacionam ao processo cognitivo, pela interação entre o processo de conhecimento e o desenvolvimento cognitivo que ocorre em meio aos processos culturais e sociopolíticos. Assim, os materiais de apoio, juntamente com a competência profissional individual, são recursos aproveitados pelos profissionais como ferramentas de auxílio, no ensino e na aprendizagem, para proporcionar entre professores formados e em formação reflexões para as diferentes abordagens na aquisição das habilidades e competências necessárias para o desenvolvimento cognitivo individual e coletivo.

Por isso, amparados em Barcelos (2010), acreditamos que um professor de línguas, assim como os professores de outras áreas do conhecimento, é responsável por intermediar e fazer funcionar os meios para que o aluno alcance êxito no desempenho escolar, auxiliando o aprendiz na busca pelos objetivos da aprendizagem que esses precisam adquirir.

No entanto, é interessante acrescentar que a intermediação deste profissional já formado ou ainda em formação, não acontece de forma neutra, pois cada indivíduo é alimentado por crenças e, por isso mesmo, o professor deve incentivar os seus alunos a trazerem para as salas de aulas suas experiências. Silva (2010) fala dessas crenças como uma ‘floresta terminológica’ uma vez que as crenças são definidas por um amplo processo de aquisição de conhecimento imbricados por ideologias, percepções de mundo e perspectivas diversas indissociáveis de cada indivíduo. Para Celani (2009, p.31), “a interação proposta [...] pressupõe o diálogo, o autoquestionamento, a organização em redes de comunicação e, frequentemente, o conflito aberto”.

Assim, é preciso que professores formados e em formação compreendam as propostas epistemológicas cognitivas como processos interativos em que o conhecimento de uma língua seja compreendido desde seus “[...] valores sociais,

culturais, políticos e ideológicos” (OCN, 2006, p. 90). Além disso, não se pode perder de vista a natureza do conhecimento como a abrangência do conceito de cidadania que as línguas, juntamente com as demais disciplinas, devem promover para o aluno.

Para a efetivação dessa premissa, consideramos que a questão da identidade e da autonomia está relacionada às desconstruções diárias das identidades assumidas pelo indivíduo, por questões de adaptações e de sobrevivência. Em contrapartida, existem pessoas que passam uma falsa ideia de plena coerência e unidade em sua vida representativa em sociedade. É engraçado constatar que o jogo de esconde-esconde que jogamos com os nossos próprios mistérios é quase infundável (PICARD, 2008, p. 35). Cada ser é único e traz consigo uma vida repleta de mistérios, por mais que sejamos todos seres humanos, temos identidades fisiológicas e traços comuns, mas, na parte cognitiva e emocional, cada ser é único.

Especificamente, quando estamos em um grupo de identidades semelhantes, no caso do grupo de estudos, que reúne professores formados e em formação, circulam crenças sobre a importância da colaboração e da troca de experiências entre os participantes, pois, tanto nos textos escritos como nas manifestações orais, os participantes desvelam crenças e atitudes sobre identidade e autonomia que se complementam e podem ser mais bem exploradas em grupo.

O processo de ensinar e aprender são atividades que podem ser transformadas em hábito para o aluno se o professor consegue auxiliar o aprendiz a compreender que cada indivíduo é seu próprio incentivador. Para isso, é relevante que professores formados e em formação entendam que sua identidade é moldada a cada nova experiência. Assim, para uma maior compreensão sobre as ações autônomas que podem ser desenvolvidas na sala de aula é imprescindível professores e alunos assumam que somente pelo autoconhecimento é que a ação diária pode ser transformada em rotina. Mister também é entender que a autonomia elevada a hábito necessita auto-avaliação constante para que não se cristalice em crença única e verdadeira.

### **3 A pragmática e a linguagem**

De acordo com Borges Neto (2004), os estudos linguísticos passam por uma importante modificação em meados do século XIX, que se convencionou chamar de virada linguística. Nessa guinada, surge a epistemologia que passa a denominar a linguística como ciência, principalmente com os estudos de Saussure. O pressuposto comum nessa ciência nova é que a linguagem (em seus aspectos sintáticos, formais,

lógicos, estruturais, semânticos) permite operações como pensar, conhecer, deduzir, quicá então, nessa guinada, a linguagem seja uma ciência platônica e cartesiana.

Entretanto, não podemos reduzir a linguagem a um instrumento para o pensamento representar as coisas, pois sua estrutura é articulada é independente de um sujeito ou de uma vontade individual e subjetiva. Assim, com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, alguns linguistas como Hjelmslev, Bloomfield, Austin, Chomsky propõem outras linhas de pesquisa para entender a linguagem. Para Borges Neto (2004), esses autores são algumas das filiações linguísticas cujos objetos são vistos como tendências de pesquisa na área dos estudos linguísticos.

Dessa forma, com o advento do desenvolvimento e da ampliação de estudos com a linguagem foi possível perceber que a função da linguagem vai além da simples nomeação de objetos ou designação de algo da realidade; o signo significa e como que dá instruções ao pensamento, sua significação não decorre de uma suposta relação direta com a coisa nomeada. Sem linguagem, com suas estruturas, regras de formação e uso de atos de fala, não há pensamento, não há designação e tampouco referência. (BORGES NETO, 2004).

Nessa perspectiva, percebemos que tais considerações caracterizam a entrada da pragmática amparada pelo entendimento de que os usuários da linguagem não apenas precisam compreender o significado de sentenças por eles empregadas, mas precisam igualmente justificar suas crenças, acertar entre si pontos de vista, e, para tal, uma teoria fundamentada em questões cartesianas de verdades absolutas não consegue analisar e nem sustentar os processos interacionais vivenciados em situações normais de uso da linguagem. De acordo com Rajagopalan (2003), cada vez mais os teóricos estão atentos para o fato de os estudos com a linguagem não conseguirem levar os entendimentos rumo a verdades absolutas.

A crescente percepção por parte de uma parcela da significativa de pesquisadores de que chegou a hora de repensar os fundamentos é curiosa, pois até bem pouco tempo, os teóricos raramente se mostravam constrangidos com o fato de a linguística ter deixado de lado a própria tarefa de explicar o fenômeno da linguagem (por mais estranho que isso pareça!). (RAJAGOPALAN, 2003, p. 25).

Esse repensar os fundamentos teóricos da linguagem aponta para a situação de fala, uma vez que a linguagem em uso envolve atos de fala, uso de diversos e variados

jogos de linguagem cujas regras não se limitam ao conteúdo proposicional, já que entram fatores e situações que nada têm a ver com as condições de verdade.

A unidade, no nível pragmático, não é a sentença, nem sua enunciação por um falante, nem a interpretação de uma sentença sob uma teoria. A unidade de significado é o ato de fala, e aí entram os jogos de linguagem e os variados modos de usá-los. Alguns deles têm conteúdo proposicional, mas estes não limitam o significado e a interpretação de uma sentença.

Assim, as condições de verdade para uma sentença usada para fazer uma asserção podem depender crucialmente de informações acerca da situação. Por exemplo, propor questionamentos sobre as crenças e as atitudes de professores formados e em formação precisa ser uma proposta que se disponha a discutir abertamente, ou seja, eticamente as condições que cada indivíduo dispõe, para rever suas verdades. É preciso estar aberto para questionamentos e estar disposto a repensar sua *práxis*.

Somos unânimes em levantar a bandeira da liberdade de expressão nessas ocasiões e em pleitear o direito democrático de interpretar quaisquer textos e trazê-los à nossa realidade atual. Mas raramente paramos para pensar que, enquanto professores aficionados por determinadas teorias e determinados autores, fazemos exatamente o que criticamos nos outros, ao desconsiderar nossos alunos a ler os textos *sagrados* de nossa bibliografia com novos olhares. (RAGAGOPALAN, 2010, p. 16).

O processo de ensinar e aprender são atividades que podem ser transformadas em hábito para o aluno se o professor consegue auxiliar o aprendiz a compreender que cada indivíduo é seu próprio incentivador. O entendimento de sua identidade de professor e de sua autonomia pode desvelar questões que envolvem autoconhecimento que proporcionarão ao professor formado e em formação entender que, de sua ação, derivam seus hábitos. Andión (2013) diz que o diálogo é o melhor caminho para o crescimento pessoal. Somente pelo diálogo sincero entre professores e alunos, é possível obter maior confiança entre ambos.

Como bem lembra Rajagopalan (2010), a sacralização das verdades existentes em nós pode nos conduzir a rever uma crença e colocar outra mais forte em seu lugar. Para isso, é preciso estar aberto e disposto a rever os velhos paradigmas, discutindo e substituindo crenças e atitudes por outras subjetividades, já que cada ser é único e idiossincrático, mas necessita do outro para se perceber autônomo em sua

individualidade identitária de professor de línguas ou qualquer outra área. Não se é um professor formado ou em formação sozinho.

Poder discutir a sacralização das verdades absolutizadas, presentes principalmente sob a forma de senso comum, não é uma tarefa fácil, mas é uma possibilidade de propormos debater diuturnamente as crenças e atitudes mais simplistas até as mais complexas, é uma forma de exercitar nosso cognitivo de maneira que nos leve a desconfiar até mesmo do que falamos.

A simples filiação a uma teoria não significa que estamos revendo crenças, mas pode nos dizer que estamos apoiando verdades levantadas por outrem. A linguagem é por demais complexa para acreditarmos que estamos fazendo o certo ou o errado. Conforme já dissemos anteriormente, os jogos possíveis com a linguagem precisam ser explorados e questionados para percebermos se o que apregoamos não está tentando doutrinar ou, como diz Rajagopalan (2010), sacralizar determinada teoria ou teórico em detrimento de outra/o. Trabalhar com a perspectiva de estudo da pragmática é muito complexo, por isso, nos damos por satisfeitos por poder circular neste ponto de vista de estudos que procuram discutir a identidade e autonomia de professores formados e em formação.

#### **4 Considerações finais**

A linguagem se caracteriza pelas funções de significar algo para alguém, num contexto, com um propósito de obter sucesso pela argumentação. Para que isso aconteça, é preciso combinar proposições linguísticas em que estabelecemos relações de verdade, como, por exemplo, ao proferirmos nossas crenças e ideologias sobre um tema. Ao utilizarmos a pragmática para a conversação, devemos estabelecer acordos entre professores e alunos sobre a diversidade de significados como verdade, sabendo que essas verdades não dependem de verificação empírica, mas da relação estabelecida entre dois falantes, porque aí entram crenças, ideologia, atitudes relacionadas ao entorno social e ao momento histórico em que ocorre a interação conversacional.

O entendimento sobre ser professor de línguas prescinde do entendimento mútuo sobre ação e reação. A convivência, o diálogo e a atitude em serviço dita as regras para se compreender o domínio sobre si mesmo. Não se pode apenas querer impor um ponto de vista individual sem aceitar o que o outro tem a dizer. As instituições que acolhem professores e alunos precisam ter claro que:

[...] os professores não somente se deixam influenciar por suas crenças. Estas crenças os constituem e estão intimamente unidas a seus valores, a sua visão de mundo e ao conceito que têm de sua posição no mesmo (SUSAN, 2007, p. 884).

Assim, para haver entendimento sobre questões de identidade e de autonomia na sala de aula, professores, alunos, direção, pais e comunidade precisam entender que o processo de ensinar e aprender é cíclico e que cada um depende do outro sempre.

## Referências Bibliográficas

- 1] ANDIÓN, María Antonieta. **Los profesores de español segunda/lengua extranjera y las variedades: Identidad dialectal, actitudes y prácticas docentes.** España, 2013.
- 2] BARCELOS, Ana Maria Ferreira; COELHO, Hilda Simone Henrique (Org.). **Emoções, reflexões e (trans)formações de alunos, professores e formadores de professores de línguas.** Coleção: Novas perspectivas em linguística aplicada Vol. 5. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.
- 3] BORGES NETO, José. **Ensaio de filosofia da linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- 4] CELANI, Maria Antonieta Alba. Culturas de aprendizagem: risco, incerteza e educação. In: MAGALHÃES, Maria Cecília C. (Org.) **A formação do professor como um profissional crítico: Linguagem e reflexão.** 2ª. Edição. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 29-42.
- 5] GARBUIO, Luciene Maria. Crenças sobre a língua que ensino: foco na competência implícita do professor de língua estrangeira. In: BARCELOS, Ana Maria Ferreira; COELHO, Hilda Simone Henrique (Org.). **Emoções, reflexões e (trans)formações de alunos, professores e formadores de professores de línguas.** Coleção: Novas perspectivas em linguística aplicada Vol. 5. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010, p. 87-104.
- 6] MICCOLE, Laura. O poder da educação continuada para a transformação do ensino. In: BARCELOS, Ana Maria Ferreira; COELHO, Hilda Simone Henrique. (Org.). **Emoções, reflexões e (trans)formações de alunos, professores e formadores de professores de línguas.** Coleção: Novas perspectivas em linguística aplicada Vol. 5. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010, p. 27-42.
- 7] **Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1).
- 8] PICARD, Georges. **Todo mundo devia escrever: a escrita como disciplina de pensamento.** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- 9] RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- 10] \_\_\_\_\_. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- 11] SILVA, Kleber Aparecido da. (Org.) **Ensinar e aprender línguas na contemporaneidade: linhas e entrelinhas.** Coleção: Novas perspectivas em linguística aplicada vol.1. Campinas: Pontes Editores, 2010.



- 12] SUMAN, Rosane Schumann. **Professores e alunos de língua estrangeira: algumas crenças.** In: I Fórum Internacional da Diversidade Linguística, 17 a 20 de Julho, 2007. UFRGS - Porto Alegre, RS.

---

<sup>i</sup> **Lucimar Araujo BRAGA, Professora Mestre.**  
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).  
Departamento de Língua Estrangeiras Modernas.  
[labraga2007@gmail.com](mailto:labraga2007@gmail.com)